

Educar para a sustentabilidade da vida

INÊS ALVES LOURENÇO¹

Uma das palavras mais utilizadas atualmente para falar de meio ambiente e dos impactos negativos causados pelo homem é sustentabilidade, termo que tem os mais variados significados. O termo passou a ser propagado a partir da realização da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, em junho de 1972, em Estocolmo, evento em que se debateu a sustentabilidade e seu papel. Já no Brasil, o termo ganhou mais espaço em 1992, no Rio de Janeiro, a partir da Conferência sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO).

O conceito da sustentabilidade surge no contexto da globalização como um sinal que reorienta o processo civilizatório da humanidade e questiona os paradigmas que impulsionam e legitimizam o crescimento econômico em prejuízo da natureza. Está presente nas discussões atuais e vem ganhando força e espaço na educação. No ponto de vista mais global e sistêmico, incorpora as dimensões sociais e culturais, que significam sustentar, favorecer e conservar e, assim, superar a visão mecanicista da razão cartesiana que legitimiza a falsa ideia do progresso, relacionado com os aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais da sociedade humana (LEFF, 2001).

Para ser sustentável ou adquirir hábitos relacionados com a sustentabilidade, na perspectiva de Leff (2001), cada indivíduo precisa ter consciência dos impactos que suas ações podem

causar no ambiente ao seu redor. É preciso ter em mente que a continuação e sobrevivência da raça humana estão totalmente dependentes da conservação dos recursos naturais, e construir uma nova visão da realidade, uma mudança fundamental nos pensamentos, percepções e valores.

Em concordância com Leff (2001), uma educação pautada nos valores para a sustentabilidade da vida realiza uma abordagem inter transdisciplinar das competências, valores e atitudes, integra em seus conteúdos as dimensões social, ambiental, econômica e cultural do desenvolvimento. Assim, é possível despertar na juventude o pensamento crítico, a capacidade de resolução de problemas, o diálogo, o trabalho em equipe, o espírito de iniciativa e, principalmente, ensinar o respeito pelo ser humano e seu ambiente natural e social. Nesse contexto, é importante priorizar a formação de professores e alunos para os princípios básicos que devem reger o comportamento da economia e do meio ambiente, por parte dos povos e nações, visando a uma sociedade mais sustentável.

O sentido da sustentabilidade da vida precisa ser construído desde a infância, desenvolvendo o sentimento de pertencimento, afetividade e amorosidade para com cada ser do universo, nas atividades pedagógicas cotidianas, na compreensão de que cada ser humano contém uma centelha de cada ser do universo e está contido nelas, numa relação interdependente entre todos os seres, conforme as reflexões da ecologia profunda, e o ser humano precisa aprender a cuidar da natureza para salvar a si mesmo (CAPRA, 2006).



CUIDAR E PRESERVAR A CRIAÇÃO | ESCOLA FRANCISCANA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA – BRASÍLIA/DF

Portanto, educar para a sustentabilidade significa construir e nutrir as aspirações e necessidades da geração atual sem diminuir as chances das gerações futuras, requer o entendimento de que somos um elo singular da rede da vida. O ser humano é a ponta mais avançada do processo evolutivo e, como portador de consciência, de sensibilidade e de inteligência, deve cuidar e guardar a terra, garantir a continuidade da civilização e vigiar também sobre sua capacidade destrutiva. Conforme Leff (2001, p. 40-41), o homem deve gerar “um processo produtivo sustentável, aberto à diversidade cultural e à diversificação das formas de desenvolvimento”.

Capra (2006 p. 11) afirma que “toda educação é educação ambiental” e “a crise ecológica é, em todos os sentidos, uma crise de educação”. Diante dessa concepção, é necessário reformular o modelo de educação que temos e mudar para um que faça sentido na contemporaneidade, além de trabalhar um currículo que contenha o novo conceito de sustentabilidade e o cuidado com a vida, nas suas mais variadas dimensões. E, assim, trazer os princípios da alfabetização ecológica e a possibilidade de aprender a olhar o

meio ambiente de forma mais ética, não apenas pela sua importância para o ser humano, mas porque este faz parte desse único sistema e está inserido nos processos da natureza.

Esse novo modelo que as Escolas Franciscanas da rede SCALIFRA se propõem a construir trazem um currículo que valoriza os saberes cognitivos, formativos e cidadãos, nas áreas de conhecimento. O modelo oferece atividades que criam vínculos emocionais com a natureza, para o resgate do caráter sustentável da vida.

Nessa perspectiva, trabalham a sustentabilidade aliada à filosofia franciscana do respeito e da cortesia, construindo novas formas de ensinar e ampliar os conhecimentos ecológicos a partir de projetos interdisciplinares ambientais de intervenção interna e externa, para uma nova forma de olhar o mundo e organizar as relações dos seres humanos com a natureza na realidade em que está inserida. Assim, quer evidenciar um despertar ecológico amoroso pelas criaturas, resgatá-las em sua beleza transcendente, dar valor à vida de todos os seres, acolher, num espírito irmanado, a todos os ecossistemas. ■

REFERÊNCIAS

CAPRA, Fritjof. **Alfabetização ecológica:** a educação das crianças para um mundo sustentável. Tradução Carmen Fischer. São Paulo: Cultrix, 2006.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental:** sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 2001.